



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

DE SANTA
RITA



ZÉ BARNABÉ

PRETINHO DA GUINÉ

POR LEONOR DE CAMPOS

Zé Barnabé é preto, preto, preto. Na sua carita escura, apenas os olhos se destacam, brilhantes e vivos. Zé Barnabé é esperto e é bom. Tão bom que não se zangava quando os outros rapazes da sua idade, lhe gritavam, mal o apercebiam:

Eh! Zé Barnabé
—esperto da Guiné—
tens cara farrusca!...
Olarilolé!...

Zé Barnabé, quando isto ouvia, sorria, mostrando a sua bonita dentadura branca, e passava adiante, encolhendo os ombros...



E realmente era uma pena que os outros rapazes o trocassem.

O pobre Zé Barnabé não tinha culpa de ter nascido preto. Se os meninos se sentem felizes por serem brancos, devem dar graças a Deus por esse facto e tratar o melhor possível as pessoas doutras cores, não as trocando nunca.

Zé Barnabé tinha uma história muito triste:

Viera pequenito da África, trazido por um colono que a ele se afei-

coara. E aqui crescera, bem tratado e animado pelo tal colono, o senhor Castro e pela mulher. Mas um dia — tinha o pretinho dez anos — entrou a desgraça em casa deles. O senhor Castro morreu de repente, com uma congestão. E a senhora, desgostosíssima com a morte do marido, morria também, pouco tempo depois, não sem recomendar o Zé Barnabé à caridade dos sobrinhos e herdeiros. Mas os sobrinhos do senhor Castro, em nada se pareciam com o tio.

Apenas se apanharam de posse da fortuna, resolveram desinvenhar-se do pretinho.

— «Como há-de ser?» — interrogava um deles, indeciso, a acariciar o queixo.

— «Ora!... É fácil!...» — lembrou o outro. O Zé Barnabé já tem idade e bom corpo para trabalhar. Arranja-se-lhe um emprêgo... e pronto... Ele que se governe!...»

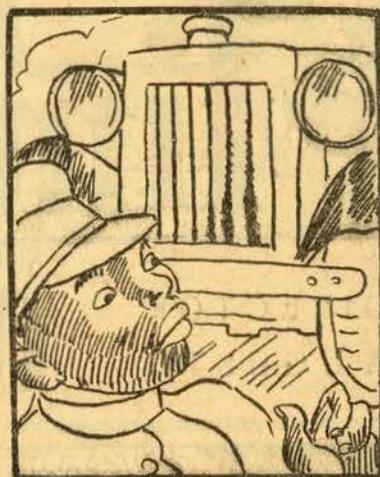
E foi assim que o Zé Barnabé se encontrou vendedor ambulante de faturas. Andava pelas Avenidas Novas, muito asseado e vistoso na sua farda branca, a apregoar:

— «Eh! fatura!... Rica faturinha!...»

Todos lhe compravam, ao verem-no tão limpo e tão alegre.

Só a rapaziada do sítio, apenas o enxergava, desatava a gritar:

Eh, Zé Barnabé
— *esprêto da Guiné!* —
tens cara farrusca!...
Olarilolé!...



Ora nessas troças quem mais se distinguia era o João Vasco, rapazola de nove anos, filho dum rico industrial, que morava para aqueles lados. Todas as tardes, quando regressava da escola, acompanhado por um bando de condiscipulos, o João Vasco encontrava o pretinho, que passava a apregoar:

— «Fatura!... Rica faturinha!...»

Então o João Vasco saía-lhe à frente e, a fazer-lhe carêtas, no meio das gargalhadas dos companheiros, repetia, sem descanso:

Eh, Zé Barnabé
— *esprêto da Guiné!* —
tens cara farrusca!...
Olarilolé!...

Até que, em certo dia de sol, há dois ou três meses, o bando de estudantes encontrou, como de costume, o Zé Barnabé, que nesse momento atravessava uma rua.

João Vasco saiu logo do grupo e aos saltos, diante do pretinho, esforçava-se para lhe tirar algumas faturas do tableiro. O pobre defendia-se o melhor que podia. Mas estava quasi a sucumbir, quando, de súbito, surge um automóvel em grande velocidade.

Entusiasmado com a luta, João Vasco nem viu o carro. Mas Zé Bar-

nabé deu conta. E em vez de fugir, como seria natural, esqueceu que o outro era quasi um inimigo e gritou:

— «Fuja, menino!... O carro!...»

E ao mesmo tempo dava tamanho empurrão a João Vasco, que este ia cair no passeio.

Nenhum mal sucedeu ao mau rapaz. Apenas leves escoriações nos joelhos e mãos. Mas o pobre Zé Barnabé, que se esquecera de si próprio, para salvar João Vasco, não pôde escapar-se. O carro apanhara-o de raspão, ferindo-o num braço e numa perna, com certa gravidade.

Levaram-no para o hospital, onde esteve durante algum tempo.

Mas este desastre foi para ele a felicidade.

João Vasco arrependeu-se das suas maldades, ao ver a generosidade do pretinho. Foi ter com seu pai e contou-lhe o sucedido. Imediatamente este deu ordens para que nada faltasse ao salvador do seu filho. Todos os dias iam visitá-lo ao hospital. E apenas teve alta, Zé Barnabé instalou-se em casa de João Vasco, a quem seu pai, solenemente, prometeu:

— «De hoje em diante, Zé Barnabé tem uma casa: a nossa. Logo que esteja completamente restabelecido, empregá-lo-ei numa das minhas fábricas e dar-lhe-ei professores para o instruírem. E estou convencido que, pelas suas grandes qualidades, há-de triunfar e ser alguém!...»

E aqui têm vocês, meus amiguinhos, o motivo porque nas avenidas já ninguém ouve o brado alegre e vibrante do Zé Barnabé:

— «Eh fatura!... Rica faturinha!...»



O NOSSO CONCURSO DOS BICHOS

Avisamos os nossos prezados concorrentes, que nos escreveram pedindo a devolução das respectivas cadernetas, de que as receberão a seu tempo, pois em virtude da exposição que delas fizemos na sucursal de *O Século*, no Rossio, não as temos ainda

devidamente catalogadas, de forma a podermos fazer a sua identificação.

No próximo número começaremos a publicar os retratos dos classificados com menção honrosa e dos premiados.

OS DOIS REINOS

POR MARIA DOS MILAGRES

HÁ já muitos séculos, havia um país, que estava situado no cimo duma enorme montanha e que era governado por uma jovem e linda princesa, de cabelos doirados como o sol e olhos da cor do céu, chamada «Raiozinho-de-Sol». Desconheciam-se naquele país a fome, a guerra e a doença. Todos eram belos e robustos.

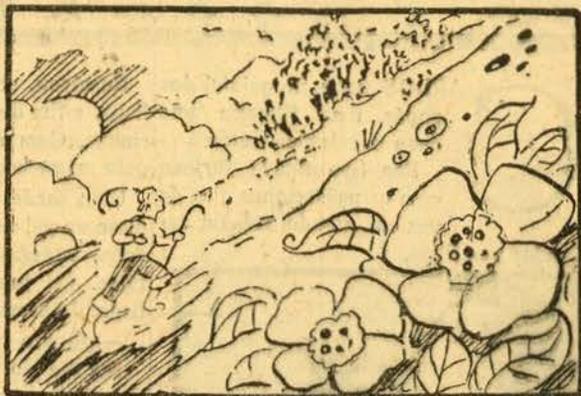
O sol nunca deixava de brilhar e por isso não havia frio nem tempestades. Os campos estavam cobertos de lindas flores e as árvores cheias de frutos. Como não tinham desgostos, os súbditos da princesa Raiozinho-de-Sol, nunca choravam, nem se mostravam tristes. Era, pois, com razão, este país conhecido como o «Reino da Alegria».

Na mesma montanha em que se erguia este maravilhoso país, encontrava-se ainda outro reino, que contrastava, quer em população, quer em aspecto, com o «Reino da Alegria».

No tenebroso e escuro vale que a alta montanha dominava, profundas cavernas, abertas nas rochas, aí conduziam. Chamava-se este país subterrâneo o «Reino da Tristeza» e governava-o o príncipe «Olhos-de-Sombra», que era muito belo, apesar de ter a pele moreníssima e os cabelos negros como a noite.

Tudo neste país era escuro e triste. Não havia flores nem árvores e desconhecia-se a luz do sol. Por isso, os habitantes tinham o rosto pálido e melancólico. Habitados, como estavam, a viverem no meio das trevas, quando experimentavam sair do seu reino e subir a montanha, eram obrigados a voltar para trás, pois a luz solar ofuscava os seus olhos afeitos à escuridão.

Um dia, um rapazinho do «Reino da Tristeza» subiu



«Raiozinho-de-Sol», admirada por ver um rosto tão pálido e uns cabelos tão negros, interrogou-o. O rapaz falou-lhe então do seu país e do seu rei, que era belo e jovem mas triste, como todos os súbditos.

A princesa, como era muito boa, comoveu-se com a sorte daquele povo, que estava condenado a não ver o sol nem as flores e mandou que muitos dos seus vassallos conduzissem o rapaz ao «Reino da Tristeza» e levassem uma mensagem ao príncipe «Olhos-de-Sombra», na qual ela lhe rogava que subisse a montanha e viesse ao «Reino da Alegria», pois desejava muito conhecê-lo.

Partiram os emissários, mas, à medida que desciam a montanha e a escuridão se aproximava, eles só, a muito custo, avançavam. Alguns paravam pois já nade viam e voltavam para trás. Outros continuavam mas, chegados à entrada do reino, sentiam-se gelados e sofriam tanto com a falta de luz naquele sombrio vale, que subiram a correr a montanha, recendo morrer antes de alcançarem o seu país. Assim, só o rapazito cego entregou ao príncipe «Olhos-de-Sombra» a mensagem de «Raiozinho-de-Sol» e lhe contou as maravilhas que vira.

O príncipe ficou muito admirado e com vontade de ver tudo aquilo. Quando o rapaz lhe descreveu a beleza da princesa, «Olhos-de-Sombra» nem queria acreditar que pudessem existir uns cabelos que irradiassem luz e uma pele que fosse da cor da neve que caía no seu vale.

Pôs-se logo a caminho, seguido de grande comitiva e guiado pelo cego. Ao chegarem, porém, à vista do «Reino da Alegria», já ninguém se via desta comitiva, pois todos tinham recuado e, mesmo o príncipe, se continuava era porque o rapazito o animava e lhe rogava que não desistisse. Chegou um momento em que os rogos do cego de nada serviram. «Olhos-de-Sombra» sofria muito e as dores que sentia eram superiores à curiosidade que o levava até ali. Voltou para o seu reino, mas ainda mais triste ficou, pois a imagem de «Raiozinho-de-Sol» não lhe saía do pensamento e sentia remorsos da fraqueza que o dominara quando estava quasi a alcançar o «Reino da Alegria».

No seu palácio, «Raiozinho-de-Sol» esperou em vão o príncipe. Quando percebeu que ele não viria, ficou muito triste, e todos, vendo-a assim, ficaram tristes também. A princesa decidiu-se, por fim, a ir ela mesma buscar o príncipe «Olhos-de-Sombra» e, não querendo que ninguém a acompanhasse, pôs-se a caminho, cheia de fé e esperança. Foi andando sempre, sem recear as trevas e o frio que ia encontrar. Já tudo era negro em volta dela e sentia-se gelada, mas continuava a andar. Dos seus olhos azuis começavam então a cair grossas lágrimas, que ficavam no chão como pontinhos lumino-



a montanha e, em vez de voltar para trás, quando a isso o obrigava a forte claridade do sol, continuou a andar, não se importando com as dores que os seus olhos sentiam. Chegou assim até ao «Reino da Alegria». Estava quasi cego, mas pôde ainda ver os campos cheios de flores e os rostos rosados dos súbditos da princesa «Raiozinho-de-Sol». Olhava, espantado, para o que via, quando uma aparição o maravilhou. A princesa passeava pelos campos e colhia flores, e o rapazito, vendo-a, quasi esquecia as belezas que o rodeavam. De repente, soltou um grito! Sentiu uma dor agudíssima nos olhos e deixou de ver. «Raiozinho-de-Sol» tinha abaixado a sombrinha que a cobria e os seus cabelos doirados, iluminados pelo sol, brilhavam tanto, que o pobre rapaz não suportara este brilho. Estava cego! A princesa e os que a rodeavam ouviram o seu grito e logo o rapazito foi cercado por muita gente.

(Continua na página 7)

QUATRO HISTORIETAS de JOSÉ DO AMARAL GOURGEL

OS PASSARINHOS

CARLOS tinha, no quintal dos papás, uma figueira que dava excelentes frutos. Por isso ficava furioso com os passarinhos que, de vez em quando, vinham dar bicadas nos figos.



Resolveu, então, comprar uma pequena fisga, a-fim de poder matar alguns passarinhos. Com a sua trágica arma conseguiu matar muitos e afugentar outros.

Uma tarde, quando jantavam, Carlos disse ao pai: — «Paizinho, no dia de teus anos, poderei fazer-te um presente de figos. Os passarinhos, devido à minha fisga, deixaram a figueira em paz!»

— «Quero ver isso...» respondeu o pai.

No dia do seu aniversário, o pai de Carlitos perguntou pelos figos.

— «Não tenho um só, paizinho; os bichos atacaram a figueira e não deixaram nenhum. Os diabos dos lagartos!...»

— «Não foram os lagartos, não, meu Carlos. Tu, para não perderes alguns frutos, sacrificastes os pobres animais, esses trabalhadores infatigáveis que, comendo as larvas e todos os bichinhos das plantas, salvam as nossas colheitas. Isto eu já previa. Porém, como sei que a experiência vale mais do que todos os conselhos, deixei



que tu mesmo verificasses o resultado do teu erro. O que devias fazer era envolver em panos os frutos melhores, nas vésperas da sua maturação, a-fim de os protegeres contra a voracidade dos passarinhos, mas nunca matá-los, coitadinhos, pois bem mais nossos amigos do que os lagartos.»

F I M

PEQUENO PESCADOR

ANTÓNIO, o filho mais velho da casa e que tinha os seus 16 anos, tinha saído para a pesca.

Havia dois dias que fôra e não voltara! A mãe, viuva e pobre, ti-



nha mais dois filhos: — Miguel e Carolina.

O Antoninho sustentava a casa com o produto da pesca. Era bom filho e bom irmão. Nunca ele se demorava mais do que um dia.

Por essa razão e em virtude do grande temporal e bravura do mar, a pobre mãe estava assustadíssima.

Desde manhã que ela se debruçara à janela, alongando a vista de instante a instante. Mas, agora, já não tinha esperanças e, sem coragem, fica-se a chorar em cima de uma mesa.

Miguel e Carolina foram para a janela. Enquanto aquele, muito aflito, interrogava o oceano, fitando o horizonte, Carolina rezava, ajoelhada ao pé da cama.

De repente, Miguel gritou:

— «Carolina!... Corre, vai depressa contar à mãe... Lá vem a barca do Anto-



ninho! Conheço-a!... Conheço-a pelas pinturas azuis que tem no costado!... É ele é! Não me engano, não me engano!...»

F I M

DEVEMOS DIZER a VERDADE

EM certo domingo, vieram visitar Fernandinha, algumas colegas. — «Deixa-nos brincar no jardim, mãizinha? Lá poderemos correr melhor.»

— «Podes ir, minha filha, mas com cuidado com as plantas de teu pai. Estão no fundo do jardim. Ele tem muito cuidado com os seus vasos. Não queres que ninguém lhes toque.»

— «Não mãizinha; não chegaremos lá. Brincaremos cá em cima.»



Mas no entusiasmo da brincadeira, Fernandinha esqueceu-se das recomendações de sua mãe e foi esconder-se mesmo em baixo da latada onde estavam os vasos. Quando se levantou, para sair, bateu com o ombro na latada e esta caiu, estragando-se todas as plantas.

Fernandinha, desatando a chorar foi contar à mãe a sua infelicidade. A Mãe, depois de reflectir uns instantes, resolveu sujeitar o carácter da filha a uma decisiva prova.

— «Teu pai te castigará fortemente. Acho melhor não lhe contares o que aconteceu e dizer-lhe que o cão do vizinho passou para cá e derrubou a latada.»

Fernandinha ficou um pouco pensativa e depois respondeu: — «Não! Não farei isso, mãizinha! Nunca faltei à verdade ao paizinho. Ele me castigará, eu sei; hei-de passar uns dias sem sobremesa, ou deixarei de ir brincar para o jardim durante um mês. Mas não faz mal. Se eu lhe faltasse a verdade guardaria para sempre o remorso dessa minha falta!»

— «Muito bem, minha filha! Disse-te aquilo só para experimentar o teu ca-



rácter. Estou contente! Nunca deves dar a verdade a teus pais, nem a ninguém. Teu pai sentirá ter perdido as plantas, mas sentiria mil vezes mais se, por cobrires tua imprudência, faltasses a verdade.»

F I M

UM CAVALO por um Tostão

O senhor Augusto tinha um filho que muito estimava. Manuel, assim se chamava o garoto, tinha seis anos. Próximo à sua casa, morava um família pobre que tinha, também, um menino da mesma idade mas chamado Zecas. Os dois pequenos davam-se irmãos.

Manuel apanhou, certa ocasião, um tifo, doença muito perigosa. Na convalescência, o senhor Augusto pediu a Zecas que se distrair o filho, e Zequinhas contou-se muito tempo ao pé do amigo.

Por esta razão, o pai de Manuel ficou estimando-o muito.

O senhor Augusto comprara um cavaliño para dar ao filho quando este se restabelecesse. Zecas gostava de ver tratar o cavalo. E, ás tardes, quando o criado ia lavá-lo e penteá-lo, lá estava o Zequinhas muito atento.

Um dia em que o senhor Augusto assistia ao tratamento do animal, perguntou-lhe o Zecas: — «O senhor não vende este cavaliño?»

— «Se achar quem o compre, vendo.»
— «Pois eu quero comprá-lo.»
— «Quanto me dá por ele?» perguntou o sr. Augusto, gracejando.
— «Um tostão; é o que tenho!»
— «Pois podes levar o bicho, passa-me para cá o tostão.»

O pequeno, depois de pagar o cavalo, safu com êle, muito alegre, puxando-o pela rédea.

Daí a pouco, apareceu o vizinho muito espantado, a dizer que o seu filho lhe tinha chegado a casa, com um cavalo comprado por um tostão!

— «Eu, realmente, vendi-o por esse preço» — confirmou o pai de Manuel.

— «Mas isso não pode ser!» exclamou o pai do Zecas.

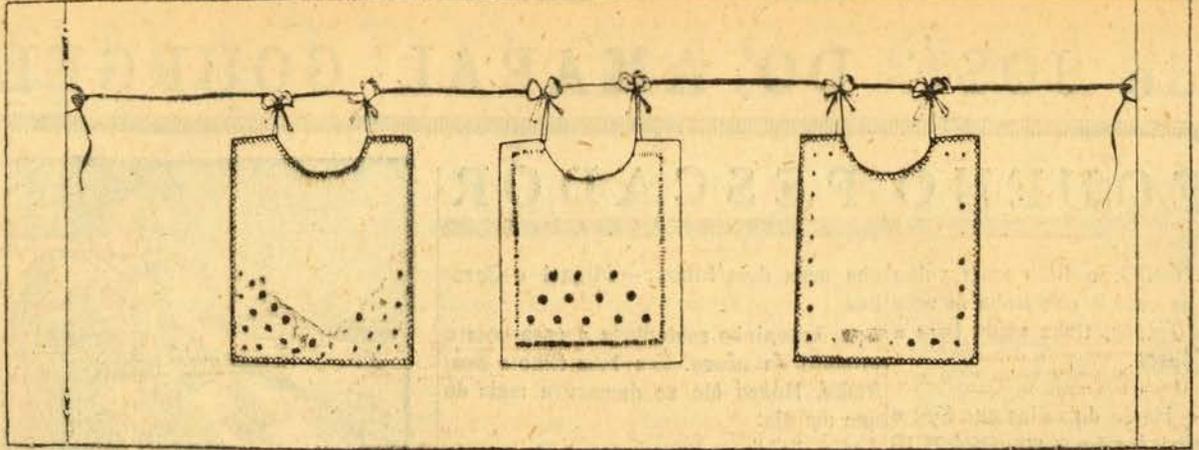


— «Cada um vende o que possui pelo preço que quer» — respondeu o senhor Augusto, rindo-se.

O pai de Zecas compreendeu, então, o modo delicado que êle achara para presentear o filho. Depois de agradecer a oferta do cavalo, foi para casa dizer ao Zequinhas que, de facto, o animal era seu.

— «Mas é bom que fiques sabendo que te fizeram presente dêle, visto que um cavalo não se vende nem se compra por um tostão!»

F I M



O CESTINHO DA COSTURA

SEÇÃO PARA MENINAS POR ABELHA MESTRA

Satisfazendo o teu pedido de um guardanapinho com nózinhos para a tua boneca, envio-te hoje não só um mas logo três!

Dentre êles, poderás escolher o que mais te agradar ou, então, se a tua filha ainda não tem nenhum, vai-lhe fazendo todos.

O primeiro e o terceiro têm à volta um *picot* feito com agulha de *crochet* e o do meio uma bainha aberta.

Todos êles são bordados com linhas de cores dife-

rentes, mas, para cada um, usarás só uma côr, isto é: — o *picot* e as bolinhas, ou a bainha aberta e as bolinhas, são feitas só com uma côr.

A melhor linha para bordar é a *filoselle* de algodão.

Quanto ao tecido, emprega-se um bocadinho de pano branco que é o mais prático para lavar.

E para ti, Gabriela, e todas as minhas outras abelhinhas, envia um grande abraço a vossa

ABELHA MESTRA

PIEDOSA MENTIRA

POR GRACIETTE BRANCO

— «**M**ã! Leve-ma ao Coliseu!
Peço com tão bons modos...
Vão todos,
menos eu!
Porto-me sempre bem!
Faço o que manda o Pai...
— (Pelo rosto da Mãe
uma lágrima cai!) —

A sala é grande, assim, (prosegue o Chico)
inda maior que todos os teatros!
Mas num palácio, assim, tão lindo e rico,
podem entrar meninos sem sapatos?

Tenho o fato tão roto! Os outros não!
Mas não faz mal, — diz êle, resignado. —
Levo a riqueza, aqui, no coração,
que me importa ir descalço e esfarrapado?

Mas a Mãe não responde e êle repara,
sentindo, agora, na garganta, um nó,
que Ela tem muitas lágrimas na cara
e um ar de sofrimento que faz dó!

Então o Chico, envergonhado, cora,
— «Fui um parvo, — pensava — que acção feia!»
Nisto, inventa a mentira salvadora
e diz, muito contente pela idéa:

— «Mas, — agora me lembro! — O Juca disse,
quando lá foi, um dia, a meu pedido,
que era tudo uma grande palermice
e veio para casa arrependido!

Coitadito do Juca! Pobre e só,
chega a casa, ninguém o acarinha!
Causa-me tanta pena! Tanto dó!
Muito feliz eu sou, minha Mãezinha!

A nossa casa, pobre, tão modesta,
— o borrarinho, as camas, o poial, —
tem sempre, para mim, um ar de festa!
Não pode haver, no mundo, nada igual!...

Pelo rosto da Mãe passa um clarão!
Resplende-lhe no olhar um estranho brilho!
Sobe-lhe uma alegria ao coração,
que une, no mesmo abraço, a Mãe e o filho!

MÁRIO e os SALTIMBANCOS

NOVELA INFANTIL POR LEONOR DE CAMPOS

(Conclusão do número anterior)

— «Que raio estás tu a fazer, ó miúdo? Parece que abriste a janela!... Se calhar tens falta de ar!... Fecha isso!...»

Mário não esperou mais. Desatou a correr com quanta força tinha. A velocidade era tal, que parecia voar!

Nem sequer sabia se o perseguiam! Não queria olhar para trás, para não perder tempo!... Cada segundo era precioso!...

E corria... corria sempre... sem saber para onde!...

Mas, de súbito, sentiu que as forças lhe faltavam. E ele já estava tão perto duma terra!...

— «Já lhe vejo as luzes — dizia para consigo, no intuito de se animar. — Só mais um esforçozinho... e estou lá!... Vá!... Um pouco ainda!... Meu Deus!... Não posso mais!...»

E completamente extenuado, caiu na estrada sem sentidos!...

*

Quando voltou a si, Mário abriu muito os olhos, espantado. Estava estendido num divan confortável, rodeado de almofadas e uma linda senhora de olhar doce e compassivo, inclinava-se solícita para ele:

A' vista da senhora, Mário lembrou-se da mãe e logo sentiu um nó na garganta!...

— «Mãe!... Mãezinha querida!... exclamou ele em voz fraca, as lágrimas a correrem pela cara, os soluços a sufocarem-no.

A senhora compreendeu.

— «Ah!... *Es uno portuguesito!*...»

E, afagando-o, acrescentou, sempre em espanhol:

— «Queres tua mãe, pequenito? Ssegala!... Vou mandar chamá-la!... Diz-me onde moras!...»

Mário compreendeu. E como a senhora, de pé diante dele, esperava as suas explicações, o pobre rapaz contou a sua odisséia, esforçando-se por meio de gestos expressivos, por se fazer entender.

Indignada e comovida, a senhora explicou-lhe que estava em Pontevedra numa cidade da Galiza e fora encontrado na estrada, caído, por um seu serviçal. T, agora, que estivesse tranquilo, visto que estava em segurança.

Depois, apressou-se a telefonar para a polícia, pedindo a rápida comparência dum agente na sua residência.

Estê não se fez esperar. E depois de ouvir o rapazito, ficou assente que logo de manhã no dia seguinte, telegrafaria aos pais de Mário, a comunicarlhes seu aparecimento.

*

Mário dormiu essa noite em casa da boa senhora. E de manhã, ao acordar, uma grande comoção o invadiu, ao lembrar-se de que, brevemente, estaria junto dos seus pais!...

Daí a pouco entrava-lhe no quarto um criado, o mesmo que o apanhara na estrada, com uma bandeja onde, ao lado duma chávena de rico chocolate fumegante se viam apetitosas torradas, cobertas de manteiga. Mário devorou o pequeno almôço. Em seguida queria logo levantar-se.

Mas a dona da casa não consentiu. Mandára comprar roupas e calçado para o pequeno e só depois de chegarem as compras ele podia levantar-se.

Mário obedeceu. E daí a algumas horas, depois de um bom banho, vestido e calçado convenientemente, o rapazito esperava com impaciência a chegada dos pais.

Estes não se fizeram esperar muito tempo. Apenas receberam o telegrama noticiando o aparecimento do filho, meteram-se num automóvel e, com uma autorização especial, atravessaram a fronteira, a caminho de Pontevedra.

Chegaram pela tarde e fôram logo direitos á policia. Aí deram-lhe o endereço da senhora que recolhera o pequeno. Correram para lá...

O encontro dos pais com o filho foi comoventíssimo. Choravam todos, abraçados. Mário, então, ao ver a mãe pálida e emagrecida, com a cabeça ainda ligada, soluçava:

— «Perdão!... Perdão, mãe querida!... Eu é que tive a culpa!... Fiz mal aos passarinhos!...»

— «Pronto!... — exclamou o pai a fazer-se forte, sem querer ouvir as explicações do filho. — Não se fala mais em tal assunto!... Encontrámo-te... vivo e são, graças a Deus!... Depois nos contarás o que se passou, quando estivermos mais calmos!...»

*

Mais tarde, Mário contou tudo aos pais. Não escondeu as suas culpas. Mas jurou que nunca, nunca mais tornaria a ser mau.

— «Juro pela tua vida, mãezinha!... E' a mais sagrada jura que posso fazer ...»

*

Os saltimbancos fôram presos e condenados.

E o Mário cumpriu solenemente a sua jura. Tornou-se o melhor rapazinho deste mundo.

Hoje é adorado e respeitado por toda a gente, na vila minhota onde reside com seus pais.

OS DOIS REINOS (Continuado da página 3)

... e que espalhavam uma tênue claridade nas profundezas do vale. Tantas lágrimas chorou «Raiozinho-de-Sol» que, ao chegar esta ás portas do «Reino da Triste-



za», todo o vale estava iluminado, mas com uma luz tão suave que os olhos dos seus habitantes se não sentiram ofuscados. Então a princesa penetrou no reino e todos, vendo-a passar, caíam de joelhos, maravilhados.

Dos seus olhos e cabelos espalhava-se luz e os rostos dos tristes súbditos de «Olhos-de-Sombra» ficavam alegres e felizes, iluminados por esta luz, tão bela e suave. Pôde, assim, a princesa chegar até junto do príncipe e dizer-lhe ao que vinha. «Olhos-de-Sombra» achou-a ainda muito mais linda do que imaginara e a sua coragem maravilhou-o. Pegando-lhe na mão, jurou que preferia sofrer as mais horripíveis dores a viver sem ela e começaram subindo a montanha, seguidos pelo povo. A claridade que as lágrimas da princesa espalhavam, foi habituando os olhos de todos á luz e, quando chegaram em frente do «Reino da Alegria», já quasi não sofreram com o brilho do sol.

«Olhos-de-Sombra» e «Raiozinho-de-Sol» casaram e, desde então, passou a existir um só reino: o «Reino da Alegria».

IMPREVIDÊNCIA

Por FELIZ VENTURA

UMA vez, numa floresta,
O que havia de lembrar?!
Eleger bicho sensato
Para em todos governar.

Logo os sábios e doutores
— Que disso também havia,
Pensaram — (mas que folia!)
Que em tôda aquela nação
Só muito bem mandaria
D. Macaco Macacão,
Resolvendo sem demora
Formar uma companhia
Teatral, que, noite e dia,
A propaganda faria
De tão grande cidadão.

Arranjava-se uma peça
Sobre o assunto em questão,
Que bem mostrasse que ele era
O melhor bicho de então;
Que só tinha qualidades
E esperteza até mais não.



Como era o mais competente
Para tal cargo ocupar,
Tinha que ter, sem demora,
Fama de maravilhar,
Um nome bem conhecido
E por todos repetido
Com intensa admiração,
Para vir a ser eleito
Chefe daquela nação.



E se tôda a bicharia
Não viesse a discordar
Decerto que se obteria
Dos votos a maioria
Sem nenhum mais se ralar.

O teatro e a companhia
Eram famosa invenção;
Pois haviam de mandar
Fazer a distribuição
Dos bilhetes; mas de graça,
Para que todos os bichos
Lá pudessem penetrar,
Sem um centavo pagar.

Mandou-se fazer o palco,
Cadeiras, um camarote,
E uma enorme bicharada
Andava tôda açodada
Sempre num grande virote.

Veio, enfim, o grande dia
E só então se lembraram:
— Quem representar viria?
Pois ali não existia
Quem de tal arte soubesse!
Já todos envergonhados,
Não sabem que hão de fazer!

A nova correu veloz
E os bichos, muito zangados,
Armaram grande questão,
Dando morras ao ministro
E ao Macaco Macacão.

É bem verdade o ditado
Que doutros tempos ficou:
Fez o moleiro o moínho
Mas na água não pensou.

